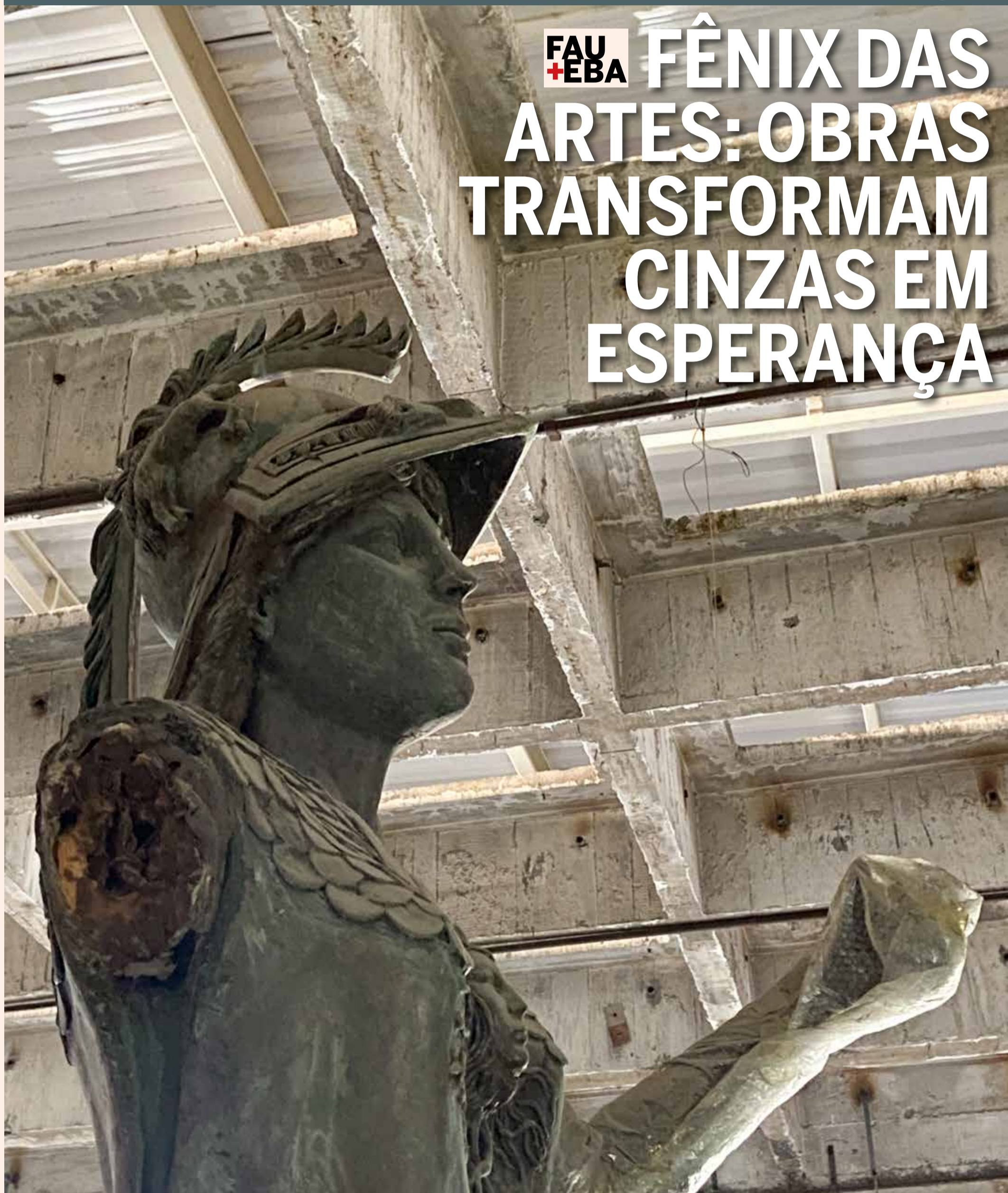




Quase cem alunas do Ensino Médio visitaram a UFRJ para assistir a um documentário sobre mulheres cientistas

ORÇAMENTO DE CIÊNCIA PERDEU R\$ 83,8 BILHÕES EM SETE ANOS

Página 3



FAU
+EBA

FÊNIX DAS ARTES: OBRAS TRANSFORMAM CINZAS EM ESPERANÇA

ESTELA MAGALHÃES

Das cinzas às obras. Após dois incêndios de grandes proporções — um em 2016 e outro em 2021 —, o prédio da Faculdade de Arquitetura e da Escola de Belas Artes passa por reformas. Mais de R\$ 50 milhões são necessários para recuperar todos os espaços abandonados por décadas. Até agora, foram investidos R\$ 12 milhões. Problemas são apontados desde 2010. A equipe de reportagem do **Jornal da AdUFRJ** visitou as instalações da FAU e da EBA, inclusive áreas ainda fechadas para o público, e encontrou cenas de esperança, mas também cenários de desolação. **Páginas 2, 4 e 5**

FAU EBA

= CANTEIRO DE ESPERANÇA

SILVANA SÁ E ESTELA MAGALHÃES
comunica@adufrrj.org.br

O prédio que abriga a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Escola de Belas Artes é o que se pode chamar de Fênix da UFRJ. Aos poucos, as cinzas de dois incêndios que atingiram o edifício num intervalo de cinco anos, dão lugar a andares revitalizados. O **Jornal da AdUFRJ** visitou as instalações – ainda fechadas para o público – e encontrou cenas de esperança, mas também cenários de desolação. “Depois de décadas de abandono, a palavra do momento é esperança”, avalia a diretora da EBA, professora Madalena Grimaldi. No momento, são tocadas obras do 8º ao 5º andares, a impermeabilização das lajes, a instalação de um novo

sistema de drenagem e a reforma elétrica e hidráulica. Recentemente, ficou pronto o reforço dos pilares de sustentação do edifício e a troca de todos os vidros quebrados no primeiro e segundo pavimentos, além do reparo das salas de aula do Bloco A. “Ainda há muito que fazer”, reconhece o vice-reitor, professor Carlos Frederico Leão Rocha. O subsolo e o imenso salão repleto de lixo – com uma linda e esquecida escultura de Minerva – são alguns exemplos. “Para deixar tudo pronto seriam necessários R\$ 50 milhões. Já investimos R\$ 12 milhões”, informa o dirigente. Projetada em 1957 exclusivamente para a FAU, a estrutura passou por muitas adaptações – boa parte sem planejamento – para abrigar as outras unidades que também ocuparam o prédio a partir de 1975.



ESTELA MAGALHÃES

DOCUMENTOS E ACERVO DA FAU EM RESTAURO

O espaço que servia à Biblioteca Central cedeu lugar a documentos danificados no incêndio que atingiu a Procuradoria e o Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da FAU, em 2021. No local trabalham as equipes dedicadas a recuperar alguns milhares de arquivos. O trabalho é coordenado pela professora Benvenida de Jesus, especialista em

conservação e restauração da EBA. “Estava numa banca de concurso, no quarto andar, quando o fogo começou”, ela lembra. “Transferi a banca para a Faculdade de Letras e voltei para salvar as plantas arquitetônicas”, conta. O salão que pegou fogo foi visitado pela primeira vez por uma equipe de reportagem e está quase inteiramente restaurado. No

local funcionará apenas o NPD. A Procuradoria será deslocada em definitivo para o Parque Tecnológico. Foi a docente que também restaurou a única imagem salva da Capela São Pedro de Alcântara, incendiada em 2011. A representação de Nossa Senhora da Conceição já tinha sido deslocada para a restauração e por isso se salvou das chamas.

INSTALAÇÕES IMPROVISADAS

Um dos pontos mais críticos do prédio, as instalações elétricas inadequadas foram as causas das chamas que destruíram partes do edifício por duas vezes. Até hoje, quase seis anos depois do primeiro incêndio, a rede elétrica e o cabeamento de internet ainda são provisórios em algumas áreas, até que todas as obras terminem. “Toda a rede precisa pas-

sar por uma atualização. É preciso fazer uma reorganização dos circuitos e colocá-los nas normas atuais”, informa o professor Wendell Varela, da FAU. Coordenador de Planejamento e Manutenção do Centro de Letras e Artes, ele trabalha em conjunto com o Escritório Técnico da Universidade na elaboração de projetos e acompanhamento das obras.

“Houve modernização da subestação do 9º andar e a troca das tomadas verticais do Bloco A (de salas de aula)”, conta o professor. Parte dos quadros de energia do 6º e 7º andares também está pronta e há obra contratada para modificar os quadros elétricos das salas do 3º ao 5º andares. “Isso vai trazer uma segurança muito maior para nós”, afirma o docente.

FACHADA DESPENCA E DEIXA FERROS À MOSTRA

Um perigo espreita professores, técnicos e estudantes que frequentam o edifício batizado com o nome de seu criador: o arquiteto Jorge Machado Moreira. A fachada, virada para os jardins projetados por Burle Marx, está em péssimas condições de conservação. São muitos os trechos cujas ferragens estão à mostra. A reportagem observou pedaços do revestimento caídos nos canteiros. Alguns seguramente com mais de 3kg.



SILVANA SÁ

“Eu me sinto insegura. Parece que a qualquer momento um pedaço do teto pode cair na minha cabeça”, reclama a estudante Amanda de Oliveira, da FAU. “É muito estranho ver um prédio de arquitetura caindo aos pedaços”. O problema é denunciado pelo professor Wendell Varela, da FAU, desde 2010. Naquele ano, ele produziu o primeiro relatório sobre as más condições de conservação e estrutura do edifício. Em 2011, ele foi um dos autores de outro relatório mais detalhado. Em 2015, um terceiro documento, de mais de 500 páginas, colocava lupa sobre os riscos estruturais do edifício. “Hoje, depois das obras de elétrica e dos pilares, eu considero a fachada como o maior risco que temos no momento”, revela o professor.

O drama vivido por quem utiliza o prédio, tombado em 2016 pelo Instituto do Patrimônio da Humanidade, da Prefeitura do Rio, tem relação direta com o subfinanciamento da universidades. Mas, para o vice-reitor da UFRJ, professor Carlos Frederico Leão Rocha, não é só isso. De acordo com ele, o problema é fruto da junção deste e de outros “ingredientes”. “Um pouco de má gestão, um pouco de desleixo e (falta de) priorização”, ele diz. “Quando houve o fogo no 8º andar, o MEC destinou R\$ 15 milhões, em duas parcelas, para a reforma dos andares afetados”, conta. “Como não havia projeto naquele primeiro momento, o recurso foi

deslocado para custeio”, revela o vice-reitor, que na época era diretor da AdUFRJ. “Houve uma destinação diferente do fim. E numa época em que o orçamento da universidade de ainda era cerca de 50% maior do que o atual”. “Agente está espremido no prédio porque não podemos usar outras salas”, critica o estudante Thales Almeida, do Centro Acadêmico de Arquitetura. Carlos Frederico lamenta não ter devolvido as salas há mais tempo. “A pandemia atrasou nossos projetos de seis meses a um ano”. A previsão de entrega das salas de aula é agosto deste ano.



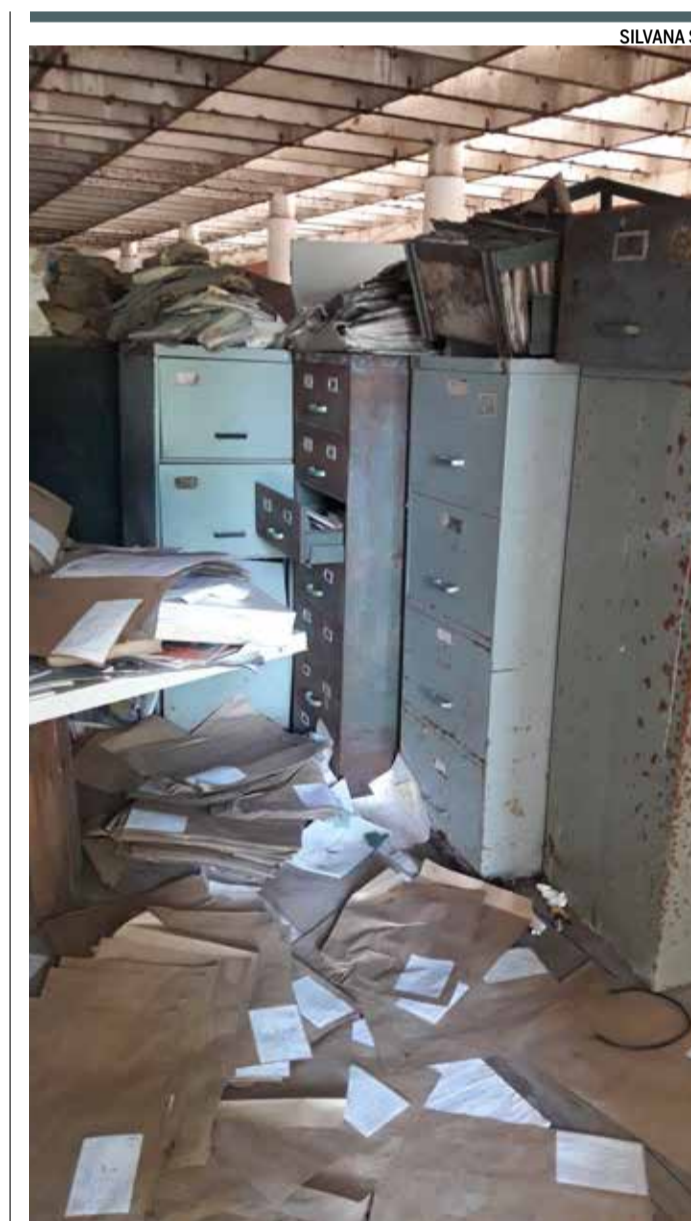
ESTELA MAGALHÃES

OBRAS SÃO AS PRIMEIRAS EM MAIS DE 30 ANOS

A professora Cristina Tranjan, decana do CLA, revela a agonia de ver o prédio se deteriorar ao longo dos anos. “Aqui circulam cerca de seis mil alunos de graduação e pós. Não podemos expô-los a riscos”. O orçamento é um limitador, segundo a professora. “Queremos consertar os pisos de pedras portuguesas e também as fachadas, mas a decania não tem dinheiro para isso. O que nos resta, nesse momento, é sinalizar as áreas para que nin-

guém se machuque”. Os estudantes procuram acompanhar todos os passos e foram fundamentais no movimento “Ocupa JMM”, que reivindicou melhorias para o prédio em dezembro passado. “A reitoria está ciente dos nossos problemas, tem tentado ajudar. As coisas estão se movimentando”, reconhece a estudante Dayanne Dias, de Artes Plásticas e integrante do Centro Acadêmico da EBA.

É justamente a Belas Artes a unidade que mais sofre com a falta de salas. Com 13 cursos de graduação, o funcionamento depende do apoio de outras unidades. “Temos aulas no NCE, na Letras, no CT, na Politécnica”, conta a diretora, professora Madalena Grimaldi. “Nossas salas estão prontas, mas a elétrica ainda é uma barreira”, lamenta. Ela reconhece, no entanto, os avanços. “O prédio ficou quase abandonado. Ainda falta muito, mas a gente vê melhorias sendo realizadas hoje que não se viam há décadas”, finaliza.



SILVANA SÁ

PATRIMÔNIO ABANDONADO

Um imenso salão com piso de madeira nobre e sistema de refrigeração central, no segundo andar, ao lado de onde funcionava a biblioteca, dá a dimensão do que significam décadas de abandono. Por anos, o piso, os revestimentos, o telhado e tudo o que havia dentro do espaço ficou ao sabor do clima, sendo estragado pela chuva e pelo sol. Somente no ano passado ficou pronta a nova cobertura do local,

hoje um depósito de lixo. A Minerva que ilustra a capa desta edição está esquecida neste espaço. “Tudo isso aqui ainda será retirado”, garante o professor Wendell Valadares, da FAU. “A nossa prioridade é acabar primeiro com tudo aquilo que possa significar um risco de vida, por isso a fachada é agora a prioridade zero”, declara. O espaço ainda não tem data para ser reformado.

MUSEU D. JOÃO VI FECHADO HÁ 6 ANOS AO PÚBLICO

Desde o incêndio de 2016, o Museu D. João VI, que funciona no 7º andar do prédio, está fechado ao público. O acervo conta com obras raras, móveis históricos, pinturas, esculturas, medalhas, indumentárias de diferentes épocas da nossa história. Funciona, ainda, como arquivo para as produções dos cursos da EBA e como guardião de peças para pesquisa. “Conseguimos atender à parte de ensino e pesquisa da universidade”, conta a professora Benvenida de Jesus, conservadora do Museu. Uma sala de restauração foi montada para recuperar as obras que sofreram danos com a fumaça de 2016 e a poeira acumulada em anos. O trabalho começou na pandemia. “Ganhamos um edital e uma emenda parlamentar. Este é o primeiro grande projeto de intervenção da EBA e do Museu”, comemora. A reabertura ao público deve acontecer até o início do ano que vem.

ESTELA MAGALHÃES



‘Sabe quando você acredita que pode fazer alguma coisa?’

> Alunas do ensino médio de três colégios estaduais falam sobre seus planos de futuro depois de assistir ao documentário ‘Ciência: luta de mulher’ na UFRJ e participar de debate com cientistas



RAFAELA OLIVEIRA
15 anos



Eu queria ser professora de Português. Sempre quis, desde criança. Agora eu quero ser professora de Português nas escolas e na faculdade também, para poder ensinar aos futuros professores de Português como eles podem fazer seus alunos gostarem da disciplina como eu gosto”

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

A semente foi plantada nos corações e mentes de 95 estudantes de ensino médio que estiveram no CCMN na última quinta-feira (19). Alunas de três colégios estaduais assistiram ao filme “Ciência: luta de mulher”, produzido pelo Observatório do Conhecimento, em um evento



ANA BEATRIZ FILOMENA
16 anos



Eu me identifiquei. Me motivou a lutar pelo que acredito, pelo que eu quero ser e a aproveitar o apoio da minha família. Ainda não sei que carreira eu quero seguir, mas vontade de estudar não falta. Falta só escolher um caminho e seguir adiante”



DAIANA GONÇALVES
18 anos



Eu gosto de estudar tudo, de saber tudo, e agora eu acho que posso estudar o que eu quiser e saber tudo que eu quiser. Ok, não sei se vou ter tempo para estudar tudo mesmo, mas sabe quando você acredita que pode fazer alguma coisa? É assim que eu estou me sentindo”



PAULA VITÓRIA
15 anos



Ver o filme e ouvir todas essas cientistas me fez ver que eu vou precisar estudar muito para chegar aonde eu quero. Mas o mais legal é que eu vi que dá para gostar de estudar, gostar de saber mais, gostar de pesquisar. Eu entendi melhor o que uma cientista faz, e achei ótimo”



ISABELLE VALADARES
16 anos



Depois de dois anos de pandemia, eu me sentia desestimulada a estudar. Poder assistir a debates como esse nos faz perceber que temos que continuar ali, não desistir. Eu já queria estudar Psicologia, agora quero fazer a graduação e continuar pesquisando nessa área”

Uso de máscara volta à cena com mais casos de covid-19

> Reitoria fez apelo pela obrigatoriedade do item nos campi depois do aumento no registro de casos positivos da doença. À exceção do CCS, unidades afrouxaram essa medida básica de segurança

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Enquanto governos municipais e estaduais liberavam a população do uso de máscaras, a UFRJ manteve a obrigatoriedade do item para quem frequenta as suas instalações. Medida básica de proteção contra a disseminação da covid-19, usar máscaras por um dia inteiro, porém, pode ser incômodo e cansativo. O **Jornal da AdUFRJ** percorreu algumas unidades da UFRJ para observar como está sendo o cumprimento da decisão da reitoria no dia a dia da universidade.

A discussão sobre esse tema reacendeu na universidade esta semana, depois de um apelo da reitoria para que a comunidade reforce o uso de máscaras, diante de um cenário de aumento do número de casos na UFRJ. “Fazemos um apelo para que todo o corpo social leia as recomendações e evite se aglomerar sem máscaras, o que acontece principalmente em eventos festivos. É lastimável que estejamos vendo um aumento no número de casos de positividade após eventos de aglomeração, mesmo em ambiente aberto sem o uso de máscara. Por favor, se cuidem e cuidem dos outros”,

pediu a reitoria, Denise Pires de Carvalho, em nota publicada pela UFRJ.

Segundo o Centro de Triagem Diagnóstica do Núcleo de Enfrentamento e Estudos em Doenças Infecciosas Emergentes e Reemergentes (CTD/Needier/UFRJ), o número de casos positivos de covid-19 registrados pelo Centro subiu de 5%, em meados de abril, para 20% na semana passada.

É notório que a maior parte das pessoas na UFRJ está usando máscaras, mas ainda é possível ver alguns casos onde o item é deixado de lado. O quadro é mais grave em lugares com circulação de ar mais restrita, como os corredores do Centro de Tecnologia (CT), mas outras unidades também apresentam o problema. No edifício Jorge Machado Moreira, onde funcionam os cursos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e da Escola de Belas Artes (EBA), na Faculdade de Letras, no CCMN e nos prédios da Praia Vermelha há pessoas circulando pelos corredores sem máscaras. Sempre em menor número. A exceção foi o Centro de Ciências da Saúde (CCS): o uso de máscaras na unidade é rigoroso em todos os lugares. Talvez esse rigor seja explicado por se tratar de um centro de saúde.



É lastimável que estejamos vendo um aumento no número de casos de positividade após eventos de aglomeração”

DENISE PIRES DE CARVALHO
Reitora da UFRJ

Foi no CCS, inclusive, que a reportagem testemunhou o único caso de reprimenda por falta do uso de máscaras. Uma técnica alertou uma estudante, que não usava o item, sobre a obrigatoriedade do equipamento.

Máscaras são parte de um acordo coletivo de proteção mútua, e isso talvez explique porque elas são menos utilizadas em salas com um número menor de pessoas, como centros acadêmicos e até salas das administrações dos cursos. Foi muito comum encontrar pessoas sem máscaras nessas salas. Mas, por menor que seja o número de pessoas em uma

sala, se a maioria dos presentes estiver sem máscara, cria-se um ambiente para que os demais também abram mão do item.

DIFICULDADES DOS PROFESSORES

Um professor, que preferiu não se identificar, falou sobre as dificuldades de dar aulas de máscara. “A voz fica abafada, e os alunos têm mais dificuldade de entender o que estamos falando”, relatou. “Temos que falar mais alto, é mais cansativo”, acrescentou. O professor disse que cogita, em uma das suas turmas de pós-graduação, fazer um acordo com os alunos. “A turma tem seis alunos. Estou pensando em propor que eles se afastem um pouco mais, e eu possa dar aulas sem máscara. Mas vai depender do acordo com eles”.

Percorrendo os campi, são muitos os casos de professores dando aulas sem máscaras, em turmas com todos os estudantes devidamente de máscara. “Está acontecendo com as máscaras o mesmo que aconteceu com o comprovante de vacinação. É obrigatório, mas não há controle. No caso das máscaras, isso dá liberdade para que as partes façam acordos como esses”, comentou o professor.

Uma professora que dá aulas

na Praia Vermelha, que também pediu para se manter anônima, confirmou que fez um acordo com uma de suas turmas. “São 23 alunos em uma sala para 40 estudantes. Todos nós estamos vacinados, então o risco é menor”, contou a professora. “Eu tive muita dificuldade de conseguir dar aulas de máscara. Não tinha fôlego para falar no tom de voz que eles pudessem ouvir”, desabafou.

No dia 28 de abril, o Grupo de Trabalho Multidisciplinar para Enfrentamento à Pandemia de Covid-19 (GT Coronavírus) publicou uma nota recomendando que a UFRJ mantenha a obrigatoriedade do uso das máscaras nas instalações da universidade. Para o coordenador do grupo, Roberto Medronho, ainda não é o momento para abolir essa obrigatoriedade. “Essa decisão depende da redução do número de casos, de forma sustentável, em números bem menores do que continuam ocorrendo aqui no nosso município, e da cobertura vacinal completa, que ainda não atingiu nem a metade da população da cidade”, disse Medronho. O professor lembrou também que a cidade vê, nas últimas semanas, um aumento no número de casos de infecção e da média móvel de mortes pela doença.

NOTAS

OBSERVATÓRIO DO VALONGO HOMENAGEIA PROFESSORA HELOISA CASTRO BOECHAT

Uma das mais renomadas astrônomas do país, a professora Heloisa Maria Castro Boechat foi homenageada, na terça-feira (17), com o Workshop de Astroquímica Experimental do Observatório do Valongo (OV/UFRJ), por suas contribuições para o fortalecimento da Astroquímica teórica e observacional do país. Um dos momentos mais emocionantes foi a exibição de vídeos com depoimentos de mestres e doutores, enviados de várias partes do Brasil e do mundo, falando da importância da docente em suas carreiras.

Para o professor Gustavo Frederico Porto de Mello,

coordenador acadêmico de Graduação do OV e ex-aluno de Heloisa, a pesquisadora foi uma das responsáveis pela consolidação do Observatório como centro de pesquisa, com a criação da pós-graduação, em 2003, da qual foi coordenadora. “É uma referência para todos nós, e deixa um legado que queremos manter”, disse Gustavo. Professora titular recentemente aposentada, Heloisa foi a primeira mulher a se tornar diretora de um observatório brasileiro — o do Valongo, entre 1995 e 2002.



ELEIÇÕES PARA OS CARGOS VAGOS DO CONSELHO DE REPRESENTANTES

Estão abertas as inscrições para as eleições complementares do Conselho de Representantes da AdUFRJ 2022-2023. Professores das unidades que não apresentaram candidatos ou que não completaram o quadro total de representantes na eleição do ano passado podem preencher os formulários de inscrição — disponíveis no site do sindicato — e enviar os documentos para adufrrj@adufrrj.org.br até 17h30 do dia 27. Podem se candidatar docentes sindicalizados até 6 de fevereiro deste ano. O pleito será realizado nos dias 6 e 7 de junho.

São eleitores os docentes sindicalizados até 7 de abril. O processo de votação ocorrerá de forma remota, por meio do sistema Hélios.

MESA 1:

10H ÀS 12H:

MEDIAÇÃO: **MAYRA GOULART (UFRJ)**

ELISA GUARANÁ (UFRRJ)
CAMPANHA SALARIAL DA CARREIRA
DO MAGISTÉRIO FEDERAL

LUIZ ROJO (UFF)
PESQUISA ACADÊMICA E MILITÂNCIA
SINDICAL – É POSSÍVEL CONVIVER?

MARIA CARLOTTO (UFABC)
DESAFIOS PARA OS JOVENS DOCENTES
NAS NOVAS UNIVERSIDADES

MARIUZA GUIMARÃES (UFMS)
LEI 12.772 E A CARREIRA DOCENTE:
BALANÇO E PERSPECTIVAS

MESA 2:

14H ÀS 16H:

MEDIAÇÃO: **ANA LÚCIA FERNANDES (UFRJ)**

ARI LOUREIRO (UFPA)
PANDEMIA E DILEMAS DO RETORNO PRESENCIAL

ANDREA STINGHEN (UFPR)
INSALUBRIDADE E PROGRESSÕES:
IMPASSES ADMINISTRATIVOS

ELEONORA ZILLER (UFRJ)
CARREIRA DOCENTE E PRODUÇÃO
CIENTÍFICA, O QUE PRECISA MUDAR?

LUÍS ANTONIO PASQUETTI (UNB)
APOSENTADORIA E FUNPRESP –
O QUE NOS AGUARDA?



DESAFIOS DA CARREIRA DOCENTE

A legislação que estrutura o plano de carreira e cargos do magistério federal está prestes a completar 10 anos. Está mais do que na hora de avaliar seu impacto, entender seus limites e as transformações que nos foram impostas, especialmente nos últimos quatro anos, onde experimentamos um violento retrocesso político e perda de direitos, sobretudo no que se refere à nossa aposentadoria. Embora sejamos parte de uma única carreira federal, as universidades vêm encontrando formas diferentes de lidar com esse contexto. Para iniciar o debate, conversaremos com vários diretores e ex-diretores de associações de docentes que vêm pensando sobre o assunto, em diversos estados do país. O objetivo é garantir informação de qualidade e troca de experiências em temas tão caros para todos nós. Vamos entender as diferenças entre procedimentos administrativos para progressões e adicionais de insalubridade, assim como as diversas realidades envolvendo o retorno presencial de nossas atividades.

VENHA PARTICIPAR DESSA CONVERSA!

27 DE MAIO

**AUDITÓRIO MONIZ
DE ARAGÃO
PALÁCIO
UNIVERSITÁRIO - FCC**

**AV. PASTEUR, 250
2º PAVIMENTO, URCA
CAMPUS DA PRAIA
VERMELHA**